



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



EMPATIA: COMO O CONCEITO É APLICADO NA REALIDADE UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAGÉDIA DO RIO GRANDE DO SUL E FAMÍLIAS ATÍPICAS 2024

DALLA VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre ¹

DUARTE, Deborah Cristina ²

SIMIONI A.C.M, Valdete ³

MATIAS ZATA, Arlene ⁴

RESUMO

O conceito de empatia é o ato de se importar ou se colocar no lugar do outro. O presente artigo tem como objetivo tratar sobre o significado de empatia na prática, apresentando fatos que vão desde o auxílio com pessoas desconhecidas, até o suporte para quem é próximo.

Para exemplificar o conceito, o artigo apresenta situações de empatia usando como exemplo a tragédia que acometeu o Rio Grande do Sul e a vida de mães, além de famílias atípicas.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia, psicologia, ser humano, autismo, sobrecarga materna

1. INTRODUÇÃO

A tragédia no Rio Grande do Sul começou no dia 27 de abril de 2024, no primeiro temporal que, segundo a Defesa Civil, atingiu 15 municípios. Dois dias depois, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) emitiu um alerta vermelho avisando que estava previsto, para metade do estado, um nível elevado de chuva. O dia 30 de abril foi marcado pelas primeiras mortes em decorrência das fortes chuvas.

Em poucos dias, estradas foram bloqueadas em diversas regiões e a força da água levou algumas pontes em cidades como Santa Tereza, Santa Maria e Rio Pardo. Em apenas três dias, o número de mortes triplicou. Essa é a maior tragédia climática da história do Rio Grande do Sul.

As tempestades e enchentes afetaram mais de 1,4 milhão de pessoas. A tragédia causou danos materiais, mas, também, dores irreparáveis que vão desde a tristeza em ver o lar ser

¹Professora Orientadora do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz . E-mail: christianevecthia@fag.edu.br

²Aluna do 7º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: vacmsinioni@minha.fag.edu.br

³Aluna do 7º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: dcduarte@minha.fag.edu.br

⁴Aluna do 7º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: amzatta@minha.fab.edu.br



completamente destruído, até o luto por perder alguém. Dentro desse cenário, o Brasil todo se mobilizou rapidamente para auxiliar os gaúchos. O ato de se importar, ou se colocar no lugar do outro, é conhecido como empatia.

Segundo o dicionário Aurélio, empatia é “a capacidade psicológica para se identificar com o eu do outro, conseguindo sentir o mesmo que este nas situações e circunstâncias por esse outro vivenciadas. Ato de se colocar no lugar do outro”.

Publicado em 2008, o Dicionário de Psicologia de Peter Stratton e Nicky Hayes, define empatia como:

[...] um sentimento de compreensão e unidade emocional com alguém, de modo que uma emoção sentida por uma pessoa é vivenciada em alguma medida por outra que se empatiza com ela. A empatia é algumas vezes empregada na indicação do grau de capacidade de um indivíduo para ser empático com os outros. Ser empático é considerado uma condição importante para os psicoterapeutas (2003, p. 81).

Com a tragédia no Rio Grande do Sul, foi possível observar milhares de pessoas se organizando para reunir doações como comida, roupas e itens de higiene pessoal. Para muitas cidades, o movimento – quase que sincronizado - era reunir as doações, buscar voluntários e encontrar uma forma de levar tudo para o RS. Pessoas de todas as idades se impulsionaram para ajudar.

Em vários lugares, o Corpo de Bombeiros foi ponto central para receber as doações e, também, para auxiliar os interessados em ajudar a coletar tudo, ou os que demonstraram interesse em ir para o Rio Grande do Sul. Do outro lado, as empresas brasileiras passaram a ajudar. A Ambev, empresa que fabrica bebidas e, atualmente, controla aproximadamente 69% do mercado brasileiro de cerveja, parou a produção de cerveja para envasar água e doar às vítimas das enchentes.

A empresa Eurofarma fez uma parceria com a Voar, com o objetivo de criar uma logística para o envio das doações. A JBS, para diminuir os danos dos funcionários, antecipou o pagamento do 13º para mais de 15 mil funcionários que residem na região. A ação corresponde a cerca de R\$ 30 milhões injetados na economia local.

Quem também se mobilizou foram os famosos, como a banda Fresno, que em parceria com o podcast Podpah, organizou uma live e arrecadou mais de R\$ 2 milhões para as vítimas. O



influenciador Felipe Neto conseguiu, através de uma vaquinha, R\$ 5 milhões em 24 horas. O dinheiro foi usado para adquirir 220 unidades de um purificador de água potável.

A imprensa brasileira enviou equipes de todos os Estados até o local, buscando não somente trazer informação de qualidade, mas também oferecer suporte aos jornalistas da região. As ONG's (Organização Não Governamental) também entraram em ação, atuando no resgate de pessoas e de animais.

Apesar do apoio, o estado encontrou diversas outras dificuldades, como abrigo para os moradores, principalmente para pessoas atípicas ou deficientes. Por exemplo, no caso dos autistas, quem tem hipersensibilidade com barulho ou contato físico, é extremamente estressante estar em um ambiente com tantas pessoas. Ademais, é preciso levar em consideração tudo aquilo que desregula uma pessoa atípica, bem como considerar se os espaços são acessíveis para receber pessoas com deficiência física.

Este foi um ponto levado em consideração pelos voluntários, que pensaram não somente num espaço seguro para famílias atípicas, como encontraram formas de manter o tratamento de quem precisa. O Instituto Colo de Mãe montou um espaço pensado exclusivamente para pessoas autistas. O abrigo conta com terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, farmacêuticos, enfermeiros e médicos.

A ação do Instituto Colo de Mãe exemplifica o que o Dicionário de Psicologia da American Psychological Association (APA) diz sobre empatia:

[...] compreender uma pessoa a partir do quadro de referência dela e não do próprio, de modo a experimentar de modo vicário os sentimentos, [as] percepções e [os] pensamentos dela. A empatia não envolve por si mesma a motivação para ajudar, embora possa se transformar em consideração pelo outro ou sofrimento pessoal, o que pode resultar em ação. Em psicoterapia, a empatia do terapeuta pelo cliente pode ser um caminho para compreender as cognições, [os] afetos ou [os] comportamentos do cliente (2010, p. 335).

A realidade das famílias atípicas é recheada de dificuldades, que vão desde a falta de inclusão, até a falta de conhecimento sobre atipicidade. Segundo a Centers for Disease Control and Prevention (CDC), uma a cada 36 crianças está dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Brasil, estima-se que existam mais de 2 milhões de autistas. De acordo com o Ministério da Saúde, o país tem mais de 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, ou seja, quase 24% da população total.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Fazer parte de uma família atípica é lidar com dias agitados, com o preconceito da sociedade e, também, com a autocobrança. Isso cresce ainda mais, quando se é mãe solo: “mãe que assume de forma exclusiva todas as responsabilidades pela criação do filho, tanto financeiras quanto afetivas, em uma família monoparental” (Academia Brasileira de Letras).

Até 2022, o Brasil tinha mais de 11 milhões de mães solo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Se criar uma criança é um caminho cheio de desafios, isso se intensifica quando o filho (a) é atípico (a), pois além de comandar uma casa, trabalhar fora e sustentar o lar, a mãe também precisa promover uma melhor qualidade de vida para o filho, o que implica em estar mais atenta, levar e buscar na terapia e realizar atividades que impulsionem e desenvolvam (ainda mais) a criança.

Há div

ersos relatos de mães que exemplificam a sua rotina: a criança faz terapia duas vezes por semana, no período da manhã. Logo, o adulto precisa levá-lo até a terapia. No entanto, empresas não se movimentam para entender que não é possível estar presencialmente no trabalho se a mãe precisa estar com o filho naquele momento. Logo, aparece a dificuldade para encontrar um trabalho.

Mesmo em famílias maiores onde, por exemplo, o casal cria em conjunto uma criança atípica, a maioria das responsabilidades fica, muitas vezes, com a mulher. Portanto, mesmo com uma configuração familiar diferente, uma coisa prevalece: a sobrecarga sobre a mulher. Também não é novidade a falta de espaços para mães, por exemplo, no mercado de trabalho, ou até mesmo a falta de tempo e liberdade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A psicanalista austríaca, Melanie Klein, diz que a empatia é vista como uma das bases para o estabelecimento da relação analítica. Em um dos seus textos mais conhecidos, ‘Notas sobre alguns mecanismos esquizoides’, de 1946, a autora relaciona a empatia à capacidade de o analista se sintonizar com as experiências emocionais do paciente, ajudando-o a acessar e processar seus conteúdos psíquicos.

Muito do ódio contrapartes do self é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo “identificação projetiva” para esses processos. [...]



Contudo, não são apenas as partes más do self que são expelidas e projetadas, mas também partes boas do self. [...] A identificação baseada nesse tipo de projeção uma vez mais influencia de forma vital as relações de objeto. A projeção de sentimentos bons e de partes boas do self para dentro da mãe é essencial para habilitar o bebê a desenvolver boas relações de objeto e para integrar o seu ego. (KLEIN, 1946/1996, pp. 27-28)

Em 1959, na publicação ‘Nosso mundo adulto e suas raízes na infância’, a autora diz:

Quando a ansiedade persecutória é menos intensa e a projeção atribui a outros fundamentalmente bons sentimentos, tornando-se assim a base da empatia, a resposta do mundo externo é muito diferente. Todos nós conhecemos pessoas que têm a capacidade de serem queridas. Temos a impressão de que elas têm alguma confiança em nós, e isso evoca um sentimento amistoso de nossa parte. (KLEIN, 1959/1996, p. 292, *itálicos nossos*).

Sigmund Freud, conhecido como o pai da psicanálise, em conjunto com Sandor Ferenczi, abordaram o tema da empatia em diversos dos seus trabalhos. Embora Freud não tenha usado explicitamente o termo ‘empatia’, ele enfatizou a importância da compreensão empática na relação terapêutica. Para Freud, a empatia envolve a capacidade do terapeuta de se colocar no lugar do paciente, tentando compreender seus pensamentos, sentimentos e experiências de forma a oferecer um ambiente acolhedor e de apoio emocional.

Após convívio com um grupo de mães, as estudantes Arlene de Matia Zata, Deborah C. Duarte e Valdete A.C.M. Simioni identificaram dificuldade para trabalhar o termo autocuidado, pois os relatos das mães eram os mesmos: a falta de tempo não permite que seja possível cuidar de si mesma. Para muitas, o nascimento da maternidade em suas vidas acarretou algumas perdas, por exemplo, a falta de tempo para ficar sozinha, cuidar da saúde física e mental e, até mesmo, poder sair e viajar.

O artigo ‘A psicanálise e o cuidado de si: entre a sujeição e a liberdade’, de Rodrigo Ventura, aborda que, quando se tem respeito e carinho por quem você é, aceitando as qualidades e defeitos e aprendendo a acolher com totalidade a própria personalidade, o amor-próprio é desenvolvido naturalmente. Quando há intensa cobrança e quando não se aprende a respeitar as fragilidades, o desenvolvimento do amor-próprio torna-se mais trabalhoso.

No entanto, com a realidade estampada na vida de muitas mães, torna-se difícil aceitar quem você é depois da maternidade. É comum, inclusive, que muitas mulheres não consigam identificar



quem são pós se tornarem mães. Inicia-se então, um processo de luto, para entender o que foi perdido com a maternidade; e o que está sendo ganho com a experiência de ser mãe.

No trabalho ‘Luto e Melancolia’, Freud ressaltava a importância do objeto perdido no luto. Segundo o autor, no processo de luto, a tristeza é desencadeada pela perda de algo significativo, que pode ser pessoas, relacionamentos, um emprego, ou qualquer elemento importante para o indivíduo. Para as mães, em alguns casos, o luto vem pela perda do tempo e o começo de uma outra vida que depende única e exclusivamente de alguém para sobreviver.

Nesse contexto, é de extrema importância receber apoio e suporte de outras pessoas, como uma rede de apoio. Há quem tenha um grupo de suporte, composto por amigos e familiares. E há quem não tenha suporte algum, dificultando o processo de maternidade. A empatia, nesse cenário, diz respeito a ações que indivíduos têm, sem necessariamente ter um elo com o outro.

Voltando para a tragédia que acometeu o Rio Grande do Sul, foi observado pessoas de todo o Brasil se mobilizando para ajudar os gaúchos, sem sequer conhecer quem precisava de ajuda. Na maternidade, a empatia pode vir de muitas formas, por exemplo: participar de grupo de mães, observar a realidade maternal de uma pessoa e buscar, dentro do que é possível, auxiliar.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que das mães entre 15 e 19 anos, 59,7% não estuda e não trabalha. Em boa parte dos casos, isso acontece pela falta de rede apoio, ou seja: quem cuidará da criança para que a mãe estude ou trabalhe?

Observando a dificuldade vivenciada na maternidade, a jornalista Fernanda Vicente criou o ‘Mães no ENEM’, um movimento cujo objetivo é encontrar voluntárias para cuidar das crianças, para que as mães possam fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O projeto conta com mais de 170 voluntárias, de diversas profissões, e tem apoio jurídico, que analisa os dados de todas as voluntárias, para garantir segurança às crianças e mães.

Na obra ‘A teoria dos sentimentos morais’, de Adam Smith, publicada em 1759, o autor fala sobre ‘simpatia’ que, pela descrição usada na época, hoje corresponde ao conceito de empatia:

Essas circunstâncias que produzem tristeza ou dor não são as únicas que provocam nossa solidariedade. Seja qual for a paixão que proceda de um objeto qualquer na pessoa primeiramente atingida, uma emoção análoga brota no peito de todo espectador atento ao pensar na situação das outras. Nossa alegria pela salvação dos heróis que nos interessam nas tragédias ou romances é tão sincera quanto nossa dor pela sua aflição, e nossa solidariedade para com seu infortúnio não é mais real do que para com sua felicidade (SMITH, 2015, p. 7, grifo nosso).



Freud destaca que a o luto é visto como um processo temporário que, com o passar do tempo, leva à resolução. A passagem do tempo desempenha um papel fundamental na cicatrização emocional no contexto do luto. Portanto, é preciso entender que cada indivíduo vive uma realidade diferente e que, apesar da maternidade ser similar em muitos pontos, a vida de cada um é distinta. É importante então, que a empatia seja algo presente na vida de todos para que, assim, seja possível ajudar quem precisa, sem distinção de cor, raça ou gênero, apenas focando no fundamental: ajudar, como conseguir, quem precisa de suporte.

3. METODOLOGIA

Como estratégia para a pesquisa foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, por meio de materiais já publicados como artigos científicos, livros, matérias de jornal etc.

Segundo PRODANOV (2013), esse tipo de pesquisa se elabora a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, como objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Com base no estudo realizado e experiências vividas em atendimentos realizados em grupo pelas estudantes Arlene Zata, Deborah Duarte e Valdete Simioni identificou-se uma dificuldade em se trabalhar o autocuidado, pois, nas condições que encontram-se as mães atípicas atendidas elas afirmam não ter tempo para cuidarem de si mesmas, ao mesmo tempo que sentem também uma grande falta para conseguirem realizar tarefas simples para o próprio bem estar como por exemplo, cuidar da saúde física ou até mesmo passarem algum tempo sozinhas.

Para muitas mulheres a maternidade é um sonho e ao ser realizado se torna o objetivo de suas vidas, mas, quando uma mulher se torna mãe a realidade se mostra diferente, mais cansativa, mais



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



dolorosa e inicia-se então um processo de luto. Freud em seus estudos afirma que esse luto não é eterno e sim passageiro, mas, é preciso compreender que cada mulher vive uma realidade diferente mesmo quando a maternidade se assemelha em diversos pontos. Se faz de extrema importância então, que a empatia seja algo presente na visão de todos para com as mães sejam elas atípicas ou não e que sempre que possível a ajuda e suporte seja uma prática realizada pela sociedade àqueles que necessitam.

Diante dos últimos acontecimentos, em poucos dias as enchentes afetaram diversas famílias, além dos danos materiais às mães que antes viviam suas vidas cotidianas normalmente tiveram tudo virado de cabeça para baixo e outras perderam seus entes queridos, inclusive seus filhos. Diante dessa imensa dor o povo Brasileiro se mobilizou para auxiliar o povo gaúcho e o ato de se importar, o qual chamamos de empatia teve ainda mais valor nesse momento, pois, o luto de uma mãe se tornou o luto de outra. Perder a si mesma com a chance de se recuperar faz parte da maternidade, mas perder um filho em meio a uma catástrofe destrói o emocional das famílias que nesse momento precisarão de todo o apoio possível.

Segundo Adam Smith (1759) essas circunstâncias que produzem tristeza ou dor não são as únicas que provocam nossa solidariedade. Seja qual for a paixão que proceda de um objeto qualquer na pessoa primeiramente atingida, uma emoção análoga brota no peito de todo espectador atento ao pensar na situação das outras. Nossa alegria pela salvação dos heróis que nos interessam nas tragédias ou romances é tão sincera quanto nossa dor pela sua aflição, e nossa solidariedade para com seu infortúnio não é mais real do que para com sua felicidade (SMITH, 2015, p. 7, grifo nosso).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observa-se que falar sobre empatia é imprescindível, principalmente nos dias difíceis, pois são nesses momentos em que a ajuda, o apoio e o afeto são necessários. Seja em grandes tragédias, como a citada neste artigo, ou no dia a dia, a empatia tem um papel fundamental na vida de todos, afinal, ela beneficia não apenas a pessoa que pratica, mas também a que recebe o comportamento, causando um impacto positivo na vida de todos.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



REFERÊNCIAS

American Psychological Association (2010). Dicionário de Psicologia. Porto Alegre: Artmed. Asociación Mundial de Educadores Infantiles (2008). *Programa de inteligência emocional*.

STRATTON, Peter; HAYES, Nicky. Dicionário de Psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

SMITH, Adam. Teoria dos sentimentos morais, ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

VENTURA, Rodrigo. A psicanálise e o cuidado de si: entre a sujeição e a liberdade. Rev. Epos [online]. 2012, vol.3, n.2, pp. 0-0. ISSN 2178-700X.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).